

CRÔNICA

INTERNACIONAL



TÓQUIO E PANAMÁ

Os nossos «grandes» jornais em geral as ocultaram, mas nem por isso perdem importância as amplas e sérias manifestações contra os Estados Unidos ocorridas no fim da semana passada em Tóquio e no Panamá.

Tumultos e conflitos de caráter popular, envolvendo aproximadamente 3 milhões e 500 mil pessoas, abalaram o Japão no dia 27 de novembro. A polícia, em Tóquio, viu-se impotente para conter a multidão que avançava sobre a sede do parlamento, a Dieta, protestando contra a próxima assinatura em Washington de um chamado «Tratado de Segurança» — que é um pacto de guerra e de agressão — entre o Japão e os Estados Unidos. O cordão de isolamento em torno da Dieta foi rompido pelos manifestantes. A multidão invadiu o próprio recinto do parlamento. E as demonstrações prosseguiram noite a dentro ante o Ministério da Guerra.

O povo japonês protesta contra um pacto que tenta envolvê-lo em compromissos militares para fins de agressão. E o povo japonês não esquece ter sido uma das principais vítimas da última guerra mundial, o primeiro a conhecer as nefastas consequências da bomba atômica lançada pelos americanos sobre suas cidades, sobre sua pacífica população civil. Ainda hoje morrem homens, mulheres e crianças atingidos pelas irradiações atômicas. O povo japonês sensatamente quer evitar uma nova tragédia.

No outro extremo do globo terrestre, no território do nosso vizinho Panamá, repetiam-se as demonstrações antiamericanas registradas há algumas semanas à margem do Canal. Não obstante a forte guarda das propriedades dos Estados Unidos em território panamenho, foram elas atacadas por grupos de nacionalistas que conduziam a bandeira do seu país e cantavam o hino nacional. Comemorava-se a data da independência do Panamá em relação à Espanha, independência ainda hoje incompleta: um verdadeiro exército de tropas norte-americanas está aquartelado em território do Panamá. Os patriotas panamenhos reclamam o que têm todo o direito de reclamar: sua soberania sobre o Canal que atravessa seu país, a exemplo do que foi feito com o Canal de Suez pelo Egito. Os manifestantes hastearam a bandeira panamenha em vários pontos da zona ocupada pelos Estados Unidos, carregavam cartazes com dizeres antiamericanos e gritavam — «Abaixo o imperialismo yanque!»

É fácil, em casos tais, no Japão como no Panamá, apontar mais uma vez como responsáveis pelas manifestações antilimperialistas e antiguerreiras — os comunistas. Mas, toda imputação. Seu objetivo, que é refrear estes movimentos, dêles afastar os não comunistas, incompatibilizá-los com a grande opinião pública, cai no ridículo, não é jamais alcançado. Mesmo quando se admiram os Estados Unidos, se reconhecem as maravilhosas qualidades do povo norte-americano, já não se reluta em atacar os responsáveis pelas guerras e pelas ameaças de guerra pelas ocupações de territórios alheios — os imperialistas. Estão eles irremediavelmente no pelourinho da história, expostos à execração universal. Já foram obrigados a abandonar boa parte dos países que ocupavam. Serão forçados a abandonar os restantes. As potentes manifestações de Tóquio e Panamá reforçam esta convicção.